

LUCY DILLON

Segredos
para um
final feliz

Tradução de Cláudia Ramos

Era uma vez...

No interior da sua nova loja, Michelle tentava imaginar um bom nome (*Nightingale's*? «Lar Doce Lar»? «Deusa Doméstica»?), enquanto visualizava aquela sala ampla cheia de saquinhos de lavanda bordados à mão e velas gordas e cheirosas – e, *acima de tudo*, sem o aroma persistente a cavala fumada.

A absoluta magnitude do que ela tinha conseguido levar a cabo completamente sozinha atingiu-a pela quinta vez nesse dia, mas Michelle limitou-se a suspirar e a dizer para si mesma – também pela quinta vez nesse dia – que estava fazer a coisa certa. Um novo começo, uma nova loja. Uma nova Michelle.

Num mundo ideal, ela não estaria a tentar erguer um negócio de artigos para o lar numa antiga peixaria, e ainda menos na principal rua comercial de uma terrinha entre Nenhures e Sítio Nenhum. Mas Michelle possuía um talento nato para o negócio e sabia que tudo na sua loja cheirava a êxito. A pardacenta Longhampton, com as suas varandas em tijolo e deprimentes edifícios de betão armado, estava bem necessitada de uma pincelada de beleza e cor. A loja fora muito barata (quem sabe se por tresandar a peixe), o espaço amplo e cheio de luz, e localizado na chamada «rua direita», mesmo ao lado de uma zona de escritórios plena de *clientes de hora de almoço*. Além disso – e essa era a melhor parte –, esta loja em particular ficava a 220 quilómetros de distância do Harvey Stewart.

Esse aspeto representava o único ponto da vida de Michelle que fora previamente planeado. O cérebro de Harvey começava a perder oxigénio a partir do quilómetro 15 da M25, por isso, aqui – onde até os cães

usavam anoraques – ela sabia estar a salvo dele e das suas subtis estratégias em fazê-la odiar-se a si mesma.

Só pensar em Harvey lhe fazia pele de galinha. Optou por distrair-se, atirando ao ar o molho de chaves e concentrando-se no seu novo espaço. Destruíu mentalmente as estantes de plástico e anteviu nas paredes as duas demãos da referência *Pérola Suave*, e preenchendo-as de coisas lindíssimas, até se sentir de novo controlada. Não fossem os poderes terapêuticos da redecação e Michelle duvidava seriamente que o seu casamento tivesse durado cinco anos. A casa deles parecia a Ponte Forth Road: assim que ficava pronta, remodelava-a novamente só para manter a cabeça ocupada.

Harvey sempre a acusara de sofrer de *ROC: Renovação Obsessiva Compulsiva*. Que ela jamais conseguiria ser feliz enquanto não estivesse *tudo* perfeito.

Por um instante, Michelle elevou-se nos saltos altos, como se estivesse na borda periclitante de um penhasco. Sentiu a cabeça levíssima sobre os ombros, parecendo desprendida do resto do corpo. Ainda não se tinha permitido pensar demasiado naquilo que estava a fazer, mas o pânico ameaçava-lhe os sentidos o tempo todo. A verdade é que resolvera largar tudo em pleno auge da sua raiva – sem planos, sem listas, sem nenhum dos seus estratagemas habituais – e agora aqui estava ela, sozinha numa terreola cheia de estranhos, mas livre. O resto dos seus parques pertences chegaria numa carrinha na sexta-feira, mas agora ela sentia-se liberta, como um balão inadvertidamente largado da mão de uma criança.

A palma da mão doeu-lhe e Michelle apercebeu-se de que agarrava o chaveiro com demasiada força e o emblema do Aston Martin feria-lhe a mão. Abriu lentamente os dedos e olhou para o último vestígio da sua antiga vida, já tão distante que lhe parecia pertencer a outra pessoa.

O seu Aston Martin DB9 Volante verde encontrava-se agora à porta de uma qualquer vivenda de Birmingham. Michelle fora obrigada a vendê-lo para poder sinalizar a loja e a casinha ajardinada de um piso para a qual se mudara, mas fizera questão de guardar o porta-chaves com o emblema para se lembrar daquilo de que era capaz quando se empenhava a sério. Michele *amava* o seu Aston Martin. Não apenas por dar nas vistas – sobretudo com uma mulher pequenina e de óculos escuros atrás do volante em vez de um gabiru de meia-idade – mas porque o havia comprado com a primeira

grande comissão conquistada como Vendedora do Mês no concessionário do pai. Não havia certamente muitas raparigas de vinte e oito anos capazes de alcançar um volume de vendas daqueles. Sobretudo nem sequer gostando particularmente de automóveis. Sentindo a pontada do remorso abocanhar-lhe o peito, Michelle obrigou-se a pensar que a maioria das pessoas mal sabia quem eram antes dos trinta, quanto mais começarem uma vida nova. Tinha todo o tempo do mundo para poder comprar outro carro.

Olhou em volta, observando o pouco auspicioso material de que dispunha para este novo começo, e não conteve outro suspiro. Não lhe apetecia ter de olhar para isto por muito mais tempo, mas também não queria ter de regressar àquela casa à beira do canal, a cair de podre, com papel de parede bolorento e paredes a escorrer humidade. A loja cheirava a peixe e a rua direita estava deserta àquela hora, mas sempre era melhor do que estremecer de pânico sempre que ouvia o telefone tocar.

– Vai tomar um café e faz uma lista – ordenou-se em alto e bom som, a voz ressoando nas paredes vazias. E isso fê-la sentir-se um pouco melhor.

Paredes meias com a *futura-ex-peixaria* havia um café que, ao contrário da maioria das lojas vizinhas, estava aberto ao domingo e fervilhava de clientela.

Michelle pediu ao balcão um expresso duplo e uma fatia de bolo, e foi sentar-se numa mesa junto à janela de onde poderia observar a sua putativa concorrência. Qualquer coisa naquele ambiente – a limpeza imaculada?

Os bolos caseiros? – fê-la relaxar, mas ao observar as mesas vizinhas, com casalinhos à conversa e famílias em ameno convívio, foi-se sentindo cada vez mais só e desamparada. Como é que uma pessoa *adulta* fazia novos amigos, sem ser num escritório ou no recreio da escola? Não meros *conhecidos*, como o seu advogado ou a agente imobiliária – com esses podia ela bem –, mas *amigos*. Como...

Michele fez uma careta. Como quem? O Owen, o seu irmão mais novo, era a única pessoa em quem ela realmente confiava; não tinha amigas, tirando as mulheres dos companheiros de póquer do Harvey. Ela tinha-se *encaixado* na vida social dele aos vinte anos, assim como se havia *encaixado* nos negócios da família aos dezoito. Não tinha ex-colegas de faculdade, ex-namorados ou velhas amigas de liceu...

Sem prévio aviso, a porta escancarou-se e um dálmata enorme entrou por ali dentro, de olhos pretos muito brilhantes e as orelhas espetadas de excitação. O cão parou junto do suporte de guarda-chuvas da entrada, abanando freneticamente a cauda enquanto olhava em volta, como que avaliando quem seria mais merecedor da sua atenção. Até que o seu olhar se fixou em Michelle e resolveu investir na sua direção.

Para surpresa dela, ninguém no café reagiu e, por um segundo, chegou a pensar que só ela tinha visto o cão. O dálmata abanou a cauda para ela e Michele sentiu-se enternecida, até se aperceber que o mais provável era ser o seu bolo de cenoura o alvo do interesse canino. Já tinha a cabeça posicionada para aspirar a fatia de bolo, uma pata na cadeira ao lado da dela, e Michelle não pode evitar um sorriso. Levou-lhe a mão à coleira encarnada e puxou-o para baixo.

– Senta! – ordenou-lhe, e, quando o cão pareceu ignorá-la, repetiu num tom já mais assertivo: – Sentado!

O cão obedeceu-lhe de imediato, a cauda pintalgada varrendo o chão e batendo nas pernas da mesa, como se Michelle estivesse a brincar com ele.

Uma vez mais, ninguém pareceu minimamente incomodado com a entrada de um dálmata em pleno café. Michele ficou incrédula. A única vez que tinha tentado levar o Flash, o seu springer spaniel, para o café do bairro, os clientes reagiram como se ela fosse completamente insana.

O Flash... com aquele olhar que derretia qualquer um e as patorras felpudas e pintalgadas. Sentiu um aperto no estômago. De todas as coisas que ela se vira obrigada a prescindir e a deixar com Harvey – dinheiro, roupas, os anéis supostamente *eternos* – a única que ela desejou ardentemente enfiar na mala do carro foi o *Flashie*. Será que ele pensaria nela? Que a esperaria deitado à porta de casa, ganindo por ela? A única razão pela qual não o tinha trazido era porque isso seria o pretexto ideal para ter o Harvey a aparecer-lhe ciclicamente à porta de casa, exigindo «direitos de visita». Dando uma de marido abandonado e, ainda assim, civilizado.

– Ó meu Deus, peço imensa desculpa! Pongo, vem cá imediatamente! Para com isso!... Ele rebentou a trela!

Uma loira mais ou menos da idade de Michelle – e com o dobro da altura, *no mínimo* – precipitou-se para a mesa dela, esforçando-se por dar um nó na trela extensível rebentada e, com a mão livre, tentando arrastar

o cão para longe da mesa. Parecia afogueada e muito aflita, com a pega da trela entre os joelhos, tentando dar um nó na fita extensível. Ao mesmo tempo, os olhos azuis perscrutavam nervosamente o ambiente, procurando vestígios de eventuais danos.

– Ele estragou alguma coisa? Entornou-lhe o café? Deixe-me pedir-lhe outro... Por favor, não diga nada à Natalie, ela já lhe passou um cartão vermelho.

As palavras saíram-lhe pela boca, assim, inadvertidamente, e quando viu subitamente o Pongo levantar-se e a cauda a varrer o açucareiro de cima da mesa e para dentro da mala de Michelle, a jovem cobriu o rosto com a mão. Pelo canto do olho, Michelle reparou que ela tinha a mão vermelha da fricção da trela, as unhas roídas até ao sabugo e as costas das mãos todas escrevinhadas a caneta.

Passear o cão

Passar a ferro

Guloseimas/meninas?

– Bolas! – A voz da mulher estava tolhida por lágrimas de desespero. – Eu... lamento imenso... a culpa não é dele, é minha!

Michelle preparava-se para gritar com ela por não saber controlar o cão, mas algo na postura daquela mulher, sobretudo os ombros encovados, lhe fez recordar a sua própria fragilidade.

– Tudo bem – limitou-se a dizer. – Não tem importância. *Você* está bem?

A outra descobriu o rosto e tentou sorrir, mas o resultado foi algo dúbio. Tinha um rosto amplo e uma pele bonita; do tipo professora primária, ou uma ordenhadora diretamente saída de um livro infantil, pensou Michelle. Simples e doce. Em nada dotada da firme disciplina necessária ao dono de um dálmata.

Os clientes tinham começado a voltar-se nas cadeiras, observando-as com o tipo de curiosidade reservado às crianças birrentas e aos cachorros mal-educados.

– Oh, não, a sua mala... – começou a outra, mas Michelle interrompeu-a com um gesto da mão.

Sorrindo-lhe simpaticamente, puxou de uma cadeira tentando não incomodar o dálmata que se tinha já deitado aos seus pés, o focinho em cima do seu saco Marc Jacobs.

– Porque não se senta? – disse-lhe. – O seu cão já está instalado. Vamos, recomponha-se.

Visivelmente grata, a mulher fez escorregar o corpo esguio pela cadeira e esboçou uma careta cansada, expressando mais embaraço do que ansiedade.

– Está toda a gente a olhar para mim?

– Está – disse Michelle. – Mas não se rale, ainda nem há cinco minutos estavam todos a olhar para *mim*.

– A sério? Que asneira é que o seu cão fez?

– Nenhuma. Era mesmo para mim que estavam a olhar... Acabei de me mudar para cá – acrescentou em tom simpático. – Sou nova na terra. E provavelmente tenho um sotaque esquisito.

A outra sorriu e o rosto iluminou-se de dentro para fora.

– *Nããão*, não pense nisso. Deve ser precisamente por não trazer um cão consigo. Este café é para cães – acrescentou, ao ver a expressão confusa de Michelle. – As pessoas vêm para aqui com os cães porque não são aceites em mais lado nenhum. E a Natalie dá-lhes um *Bonio* quando se portam bem.

Michelle voltou-se na cadeira, espantada consigo mesma por ainda não ter reparado. Debaixo da mesa à sua frente, onde um casal de velhotes partilhava um bule de chá e um pratinho de scones, estava um scottish terrier preto enrolado noutra terrier mais pequeno, este branco, ambos com casaquinhos de xadrez a condizer. Na mesa ao lado deles, estava uma família com um labrador chocolate esparramado aos seus pés, tirando uma bela soneca. À entrada do café, viam-se tigelas de água sobre individuais de plástico, e os biscoitos que ela tinha visto em grandes frascos junto à máquina do café eram na verdade... *Bonios*.

– A isto é que se chama um verdadeiro *nicho de mercado* – observou ela, visivelmente impressionada. – Bela ideia... Excelente, mesmo.

Quando se voltou para a frente, a loirinha mostrava-se já mais recomposta e dedicava-lhe um sorriso caloroso.

– Sou a Anna – disse, estendendo-lhe a mão. – E este é o *Pongo*. Em homenagem ao livro. Ou melhor, ao filme da Disney. Creio que os donos dele nem desconfiam que existe o livro. – Pareceu desde logo arrepenhada. – Que horror, esta foi mazinha. Esqueça o que eu disse.

– Eu sou a Michelle. Acabei de comprar a loja aqui ao lado.

– A sério? – disse Anna, parecendo interessada. – Tem um negócio de peixe?

– Credo, não! Não... vai ser uma loja de decoração.

Michelle fez uma pausa impercetível, querendo agarrar a oportunidade de conseguir alguma informação privilegiada sobre a sua base de clientes.

– Podia ajudar-me na pesquisa de mercado, já agora... Hmm, ela está a olhar para nós?

A morena que servira Michelle ao balcão aproximara-se da mesa delas de sobrolho erguido, e desde logo a cauda do *Pongo* recomeçou a abanar freneticamente.

– O problema dele é que ama demasiado tudo e todos. Olá, Natalie! – disse Anna. – Desculpa o *Pongo*, sim? Ele vai portar-se bem, prometo.

Natalie suspirou e abraçou a outra sobre o seu blusão de penas.

– Anna, eu sei que adoras o *Pongo* mas já sabes que temos regras. E a do «à terceira é de vez» é uma delas. E a maioria das pessoas consideraria roubar duas fatias de bolo na mesma visita como *duas asneiras*.

– Mas eu tenho a trela presa ao calcanhar. Ele daqui não sai, juro!

– Terei o maior prazer em voltar a ter-vos cá depois de o ensinares a portar-se bem em espaços públicos – disse a outra, inflexível. – Ele *não pode* incomodar os outros clientes.

Dirigiu um olhar a Michelle que o recebeu como parte integrante da conversa.

– Já está tudo bem – disse-lhe em tom simpático.

Não lhe apetecia ter de voltar já para Swan's Row e Anna parecia interessada numa boa conversa.

– Veja, ele está supercalminho – acrescentou, apontando o cão.

As três mulheres baixaram o olhar para o *Pongo* que estava deitado debaixo da mesa como se não fosse nada com ele. Michelle reparou, tarde demais, que ele tinha migalhas alaranjadas à volta da boca. E o prato dela estava vazio.

– O *Pongo* está a ajudar-me com a pesquisa de mercado – prosseguiu Michelle, adotando o tom confiante que usava nas vendas. – Trazia-me outro café, por favor? Anna, também quer?

Anna tirou o gorro de crochet da cabeça e assentiu, as madeixas loiro-trigo emoldurando-lhe o rosto afogueado.

– Oh, sim, por favor, sabia-me mesmo bem um cafezinho.

Assim que Natalie regressou ao balcão, Anna inclinou-se sobre a mesa e sussurrou:

– É muito simpático da sua parte, mas faço questão de pagar os cafés. *Por favor*. Depois da confusão que o *Pongo* armou...

– Esqueça lá isso. Davam-me mais jeito umas dicas, se tiver um tempinho – disse Michelle bebendo o resto do seu expresso frio e sentindo-se já bem mais confiante. – Então diga-me... Longhampton, pelo que já pude observar, parece-me o sítio ideal para donos de cães e mamãs sexy... Confirma-se?

Anna franziu a testa ao responder:

– Bom, não sei se eu serei a pessoa mais indicada para falar de qualquer um desses temas.

Michelle reagiu, a chávena a meio caminho do pires. Teria posto, sem querer, o dedo na ferida? Anna tinha um cão... e parecia na idade certa para ter filhos. E o gorro que usava parecia decididamente um *empréstimo de adolescente*.

Para seu profundo horror, grossas lágrimas rolaram pelo rosto de Anna, fazendo-lhe reluzir os olhos azuis-celestes.

– Desculpe – murmurou, limpando as lágrimas às costas da mão. – Isto é tão estúpido. Deve achar que acabou de conhecer a maluquinha da aldeia, não?

– É claro que não.

Michelle levou a mão à mala e procurou um lenço branco que estendeu a Anna, depois de lhe ter sacudido o açúcar – o que só fez com que a outra se envergonhasse ainda mais.

– Eu é que peço desculpa. Devo ter dito alguma coisa que...

Anna assoou-se ruidosamente e ficou a olhar para o lenço com expressão pesarosa.

– Fique com ele – disse Michelle. – Tenho muitos.

– Devia vendê-los, são muito práticos. – Anna piscou os olhos com força e forçou um sorriso. – Enfim, é um assunto doloroso. Sou apenas *mãe de fim de semana*. O Phill, o meu marido, tem três filhas do primeiro casamento que estão connosco ao fim de semana de quinze em quinze dias e uma noite por semana.

– Pois... – disse Michelle, pouco segura do que dizer a seguir.

Filhos era um tema sobre o qual ela não tinha a menor experiência. Não tinha nada contra, claro, mas também não tinha nada contra zebras ou doce de marmelo.

– E está aqui... porque elas estão lá?

– Mais ou menos isso. Precisam de passar tempo de qualidade com o pai. A pedido da mãe. Só estamos casados há um ano e meio e ainda estamos a tentar digerir esta cena da madrasta... – Premiu os lábios antes de acrescentar: – É... um desafio para qualquer pessoa, mas estamos a dar o nosso melhor.

– E o cão?

– É delas. Acho que pode ser considerado um *presente envenenado* – Olhou para o cachorro. – Ele não tem culpa que ninguém se tenha dado ao trabalho de o educar. Passa mais tempo com o rapaz que o passeia do que com as miúdas, coitado. Ainda sugeri que viéssemos todos dar um passeio em família, mas assim que cheguei à porta... parece que era eu a única interessada.

– Prefere o cão às miúdas?

Michelle perguntava-se se seria essa a razão das lágrimas. Sendo-lhe dado a escolher, também ela escolheria o cão em detrimento das três filhas de uma ex-mulher ressabiada.

– Não, não! Eu gosto imenso delas... De todas. *Adoro* crianças – retorquiu Anna, parecendo espantada com aquela pergunta. – Claro que para mim é mais fácil passear o *Pongo* quando elas não se põem a discutir sobre quem leva a trela ou lhe atira a bola, mas...

Calou-se ao ver Natalie chegar à mesa, com dois cafés e uma fatia extra de bolo de cenoura que poisou à frente delas.

Assim que a viu afastar-se, Anna suspirou e prosseguiu:

– As coisas não são exatamente como eu as imaginei... Mas também nunca são, não é verdade?

– E como foi que as imaginou?

Michelle era exímia em fazer as perguntas certas de modo a não ter de ser ela a fornecer respostas. Tudo o que menos queria era que o assunto se encaminhasse para o seu próprio casamento, que *decididamente* não fora ao encontro das expectativas – nem dela nem de ninguém.

– Qualquer coisa entre a *Mary Poppins* e a *Música no Coração*?

Soltou uma risadinha nervosa, antes de prosseguir.

– Eu sou filha única, sabe, sempre sonhei ter uma grande família. E quando casei com o Phil, li tudo o que havia para ler sobre educação dos filhos. Não queria de forma alguma poder vir ser a madrasta má e muito menos pretendia substituir quem quer que fosse, e afinal... – Encolheu os ombros e o seu olhar entristeceu. – Se tivéssemos uma varinha mágica que nos permitisse fazer os outros amarem-nos... quem não a usaria?

Michelle sentiu um súbito e inesperado nó na garganta.

Anna mexeu o seu café, desfazendo a espuma.

– Desculpe... é demasiada informação, não é? Uma seca! Mas fale-me da sua nova loja. Como lhe vai chamar?

– Ainda não decidi.

Michelle ergueu os olhos para Anna, pressentindo-lhe um interesse genuíno e caloroso que a deixou novamente entusiasmada em relação à loja. O cheiro a peixe começou a dissipar-se-lhe do espírito.

– Precisava de um nome... reconfortante, e um nadinha mágico. Um nome... *feliz*. Alguma sugestão?

– Que tal *Home Sweet Home*? Não é o que todas sonhamos conseguir criar? – Sorriu e empurrou a fatia de bolo na direção de Michelle. – Ajude-me com isto. Se a dividirmos, sempre são menos 50% de calorias!

Na manhã seguinte, quando Michelle chegou à loja com o construtor civil e munida de plantas e fita métrica, deparou-se com uma caixa no degrau da entrada, firmemente atada com rafia e com uma etiqueta a dizer simplesmente «Michelle».

Por um breve e nauseante momento, Michelle temeu que Harvey a tivesse descoberto... Mas aquilo não era nada o género dele. Ele jamais usaria o simples podendo recorrer ao sofisticado. Pegou no embrulho e desatou-o para descobrir um saquinho de apetitosos biscoitos caseiros e um cartão de agradecimento; na letra redondinha de Anna, vinha a sua morada e telefone – e um convite do *Pongo* para um passeio no próximo fim de semana, acrescentado de um «eu prometo que me porto bem».

Anna sugeria ainda que Michelle aparecesse na biblioteca onde ela trabalhava, para um almoço seguido de uma visita guiada pelos pontos altos de Longhampton. «Um almocinho rápido chega perfeitamente!», acrescentava no fim do cartão.

Michelle entrou na sua nova e espaçosa loja e, nesse preciso momento, o sol surgiu resplandecente sobre a High Street de Longhampton. Sentiu-se de imediato muito melhor, e isto sem ainda sequer ter começado com as decorações.